

KARMA PUJA

Mayane Haushahn Bueno¹

Resumo: O diálogo entre a cultura e o evangelho sempre foi um desafio para os processos de evangelização iniciados no âmbito da Igreja Católica. Na Índia, particularmente em Déli, esse desafio ainda persiste, visto que desde a colonização pelos britânicos e muito antes com o presumível apostolado de São Tomé no sul da Índia a valorização das religiões existentes no território e a tentativa de inculturação do cristianismo na realidade desses povos impactou culturalmente e socialmente ambos os lados. Daí a necessidade de um cristianismo mais próximo da realidade cultural. Meu argumento é que se a cultura é uma dimensão da existência humana não há processo de evangelização que desconsidere de forma total a religiosidade local em troca da “inculturação” efetiva da fé católica. Minha proposição é de que tanto a religião quanto a cultura, vista no sentido popular como unidades estáveis e monolíticas, não são definições universais, pois dialogam com as questões práticas de processos históricos, políticos e discursivos de seu contexto.

Palavras-chave: Índia; Evangelização; Cultura; Inculturação.

Abstract: The dialogue between culture and the gospel has always been a challenge to the evangelization processes begun within the Catholic Church. In India, particularly in Delhi, this challenge still persists, since the colonization of India by the British and much earlier with the presumed apostolate of Sao Tome in southern India, the valorization of the religions existing in the territory and the attempt to inculture Christianity in India. The reality of these peoples has culturally and socially impacted both sides. Hence the need for a Christianity closer to the cultural reality of these peoples. My argument is that if culture is a dimension of human existence there is no process of evangelization that totally disregards local religiosity in exchange for the effective “inculturation” of the Catholic faith. My proposition is that both religion and culture viewed in the popular sense as stable and monolithic units are not universal definitions, as they dialogue with the practical issues of historical, political, and discursive processes of their context.

Keywords: India; Evangelization; Culture; Inculturation.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS), Porto Alegre, Brasil. E-mail: mayanebuenoh@gmail.com.

Em agosto de 2016 fui convidada pelo Padre Vincent, amigo e importante mediador no meu trabalho de campo, para participar do festival *Karma Puja*, que aconteceu na escola Católica St. Colombus na cidade de Nova Déli. Este evento ocorreu no início do meu contato com o catolicismo indiano em Déli e tudo que eu sabia era que as atividades seriam organizadas por coletivos de mulheres *Advasis* (termo hindi utilizado para designar o nativo indiano, geralmente associado a tribos que compõem o território indiano) em parceria com a Igreja Católica. Cheguei na escola de manhã cedo e sem interromper a celebração, que já havia iniciado, me aproximei para ver de perto o que se passava ali. As mulheres estavam cantando uma música em pé e quando olhei para o lado me deparei com uma mulher de joelhos como se estivesse rezando. Quando a multidão voltou a sentar-se vi que estava diante de uma missa. Ouvei “Amém” e minutos depois uma fila começou a se formar se direcionando para os três padres que estavam distribuindo a hóstia, um deles era o Padre Vincent. Estava eu a comungar ao lado de indígenas na cidade de Déli. Que loucura, pensei! Uma mulher se dirige a mim e diz: *Jay-jesu*. Não entendi a princípio o que significava, mesmo assim, arqueei a cabeça dando a entender que havia compreendido, mas não respondi, pois não sabia o que significava. Quando as mulheres me notaram ali, se voltaram a mim repetindo *Jay-jesu* com um sorriso tímido. E eu ainda não entendendo, comecei a repetir como se quisesse dizer que entendi. Não fosse a minha curiosidade em saber o que significava aquela palavra, voltei-me à esposa de um dos convidados que estava sentada do meu lado que respondeu significar “Glória a Jesus!” – uma expressão em Hindi utilizada para cumprimentar os católicos. Logo, percebi que estava presenciando algo muito interessante e curioso, pois esperava encontrar ali um festival indígena e não elementos católicos dentre as populações *Advasis*. Estavam presentes aproximadamente 200 mulheres vestindo *sarees*² coloridos distinguindo umas das outras, os cabelos adornados com flores coloridas; nos braços, muitas pulseiras; os pés descalços dançavam ao ritmo

² Vestimenta indiana usada pelas mulheres.

do tambor tocado pelos seminaristas. Três padres, incluindo Vincent, se aproximaram do palco improvisado, suas batinas brancas e estolas com padrões indígenas representavam os elementos contrastantes para um Cristianismo, que de primeira mão imaginei existir. Seria a combinação de um cristianismo indígena, ou de uma religião indígena com elementos cristãos? Poderia dizer que aquilo era a representação de um sincretismo religioso?

Fotografia 1 – Missa realizada antes da celebração do *Karma Puja*³



O antropólogo Pierre Sanchis (1994) nos ajuda a pensar no sincretismo não somente como uma mistura contrária a um sistema “puro”. O que quero trazer aqui é a discussão de algo que sempre acompanhou os debates antropológicos, ou seja, o encontro entre culturas heterogêneas formuladas a partir do dualismo “nós” e o “outro”. A celebração do *Karma Puja* parece supor a relação entre sistemas simbólicos-culturais opostos. Por um lado, as

³ Crédito das imagens: Acervo da autora.

práticas e crenças religiosas missionárias, e por outro, o sistema simbólico e prático das mulheres *Advasis*. Aqui, não se trata de identificar que elementos foram emprestados, copiados e reproduzidos de construções essencialmente “puras” de Cristianismo e de Sarnaísmo, mas de revelar “o modo pelo qual as sociedades humanas (sociedades, subsociedades, grupos sociais, culturas, subculturas) são levadas a entrar num processo de redefinição de sua própria identidade, quando confrontadas ao sistema simbólico de outra sociedade” (Sanchis, 1994, p. 7). Um processo que se torna cada vez mais abrangente ao passo que as relações não se esgotam na relação entre missionários e “nativos”.

Fotografia 2 – Mulher ajoelhada rezando



A celebração do festival *Karam tree* ou *Karma Puja* acontece durante a 11ª lua cheia (Purnima), entre os meses de agosto e setembro de acordo com o calendário Hindu. O festival é celebrado pelas comunidades tribais dentro dos cultos religiosos do *Sarnaismo*, religião tribal seguida principalmente pelas populações *Advaisis* dos estados centrais de Jharkhand, Madhya Pradesh, West Bengal, Orissa e Chhattisgarh. Karam é uma árvore oriunda da região central indiana e de acordo com a cosmovisão indígena simboliza Deus e a natureza influenciando de forma positiva a juventude e a fertilidade feminina associada com o tempo da colheita do arroz⁴. Nas aldeias, as meninas solteiras vão até a floresta e trazem flores, frutos e galhos da árvore para serem utilizados como oferendas. As músicas e a dança ao som do tambor são momentos de oração devotados a Deus com a intenção de receber suas bênçãos. Na cidade de Nova Déli as mulheres *Advaisis* celebram o festival em parceria com a Igreja Católica, pois além de seguirem alguns rituais de sua etnia *Oraoun*, também seguem o Catolicismo como religião.⁵

⁴ Disponível em: <https://www.turisamaj.org/karma-puja/>. Acesso em: 17 out. 2019.

⁵ Disponível em: <http://www.karmapuja.org/significance-and-rituals.html>. Acesso em: 17 out. 2019.

Fotografia 3 – Início do ritual Karma Puja



O contato das populações *Advais* com o Catolicismo se deu a partir dos missionários jesuítas influenciados pelas ideias de “indigenizar” as comunidades católicas na Índia principalmente a partir do século XVI. A conversão não foi um processo pacificador, mas impactou de forma significativa a vida dessas populações.. Esse impacto não se deu somente no âmbito da religião, articulando-se no campo da cultura e redefinindo as matrizes culturais de onde emergem, assim, “[é] a reinterpretação que vai permitir uma convivência não explosiva de universos abstratamente contraditórios” (Sanchis, 1994, p. 7). Essa reinterpretação do âmbito cultural para o religioso permite que a Igreja e as próprias mulheres reconfigurem suas lógicas, não somente incorporando novas práticas, mas as ressignificando através de um processo que é incorporado como parte da religião Católica. Além disso, outras mudanças significaram o acesso a bens e serviços como educação, saúde e trabalho, mediado pelas instituições religiosas que se instalaram nas aldeias (Robinson; Kujur, 2010).

Fotografia 4 – Mulheres fazendo oferendas para a árvore Karam, símbolo da fertilidade entre as populações tribais



As palavras “cultura” e “religião” nos são familiares, no entanto, as usamos em diferentes contextos e com sentidos específicos. Diante da multiplicidade de contextos, o termo “cultura” é usado, principalmente para definir as práticas de determinados grupos, proponho redescobrirmos uma perspectiva teórica que enfatize os sentidos produzidos na relação entre a Igreja Católica e as mulheres *Advasis*. Segundo o Padre Joseph, um dos organizadores do evento,

[...] o festival atua como um espaço para as mulheres, o que lhes permite compartilhar suas histórias com outras pessoas com a mesma experiência e, assim, capacitá-las. Além disso, a celebração do festival marca um espaço distinto para que as mulheres abordem sua liberdade de prática de sua própria cultura.

A fala do Padre Joseph nos mostra um movimento interessante oriundo da relação entre religião e cultura, ou seja, por mais que essas duas palavras apareçam no discurso da igreja como unidades semânticas estáveis e distintas, na prática, essa unidade se mostra mais relacional do que parece.

É verdade que se Cristo é apenas um entre os muitos salvadores, promover valores evangélicos de modo secular é um objetivo que se encaixa muito bem no campo da cultura. O que está em discussão é um método evangelizador que leve a sério o diálogo inter-religioso, mas que seja complacente com a teologia cristã (Amaladoss, 2000). Na Índia, e no chamado “terceiro mundo”, Pieris (1988, p. 99) diz que “religião e cultura coincidem inteiramente dentro das sociedades tribais praticamente em qualquer lugar dentro do Terceiro Mundo. Cultura é a expressão variada da religião”. Essa tendência evangelizadora de separação da dimensão cultural da religiosa e vice versa, condena os teólogos indianos, nas palavras de Amaladoss (2000), a assumirem posturas contrárias à proclamação do evangelho sem considerar as diferenças reais e observadas por eles; outros de serem indiferentes ao campo da cultura e preconizarem o evangelho ou o diálogo; e outros ainda de salientarem tanto a proclamação do evangelho quanto do diálogo além de inter-relacionar na prática a teologia católica.

Esse diálogo inter-religioso depois do Concílio Vaticano II apareceu como uma dimensão essencial dos processos de evangelização. No entanto, a atitude positiva em relação a esse diálogo e a necessidade de tradução do evangelho para as populações indígenas foi iniciado na esfera da cultura. Estou partindo aqui do entendimento da religião e da cultura como unidades estáveis. Com a finalidade de demonstrar a minha crítica a essa visão retomo a fala do padre Joseph e a tentativa da Igreja Católica de evangelizar, por meio da cultura, como formas em que essa visão monolítica da cultura e da religião são desestabilizadas pelas próprias relações impostas no âmbito das práticas rituais. Quer dizer, se a liberdade concedida às mulheres *Advaxis* para que celebrem e cultuem o Deus Karam (árvore) em um ritual específico de sua religião tribal (Sarnaísmo), dentro da Igreja Católica, no meio de uma missa, essa liberdade é concedida dentro da esfera da cultura e não do

religioso, visto que, para o catolicismo, o culto a um Deus monoteísta é que é aceito. Estamos diante de um paradoxo: de um quebra-cabeça⁶ (doutrina da Igreja) completo, mas que aceita diferentes peças (práticas rituais das mulheres) para compô-lo.

Fotografia 5 – Mulheres e o padre Vincent contando as histórias da tribo ao redor da árvore



⁶ Agradeço a Luiz Antonio Pereira pela discussão propiciada a partir da metáfora do “quebra-cabeça”.

Fotografia 6 – Galhos da árvore (Deus) karam adornada com oferendas



A minha crítica à separação entre religião e cultura se justapõe à crítica de Talal Asad (2010) sobre a separação entre religião e política. Essa separação representa uma tentativa de confinamento e de defesa da religião cristã diante da sociedade moderna. O que Asad parece argumentar é que na arena dos debates político-ideológicos tanto a política, quanto a cultura (a partir do meu campo), apareceriam como adereços de uma religião que se impunha como dotada de uma essência e de uma solidez intransponível. No entanto, as próprias missões iniciadas pela Igreja provaram serem mais porosas e orgânicas do que a tradição cristã, logo se “não há uma definição universal de religião” para Asad (2010, p. 264), na mesma medida posso dizer que não há uma definição universal de cultura.

Fotografia 7 – Cantos e danças em adoração ao Deus Karam



O que trago aqui é pensarmos a cultura a partir da ideia de mistura, de relação e de contato na produção cultural desses outros. Lila Abu-Lughod (1991) nos diz que se a cultura é uma “ferramenta” de fazer o outro, esse *self* é constitutivo das relações em que ele se encontra historicamente e situacionalmente engajado. Amaladoss (2000) destaca, na mesma direção, essa dimensão nos processos de evangelização na Índia através do contato e da “inculturação”.⁷

A inculturação não é apenas a concretização da Palavra em determinada cultura, mas sua transformação. O diálogo inter-religioso não é apenas o ato de compartilhar experiências espirituais, mas um desafio à conversão à Palavra de Deus. Trabalhar com os pobres não é só aliviar sua pobreza, mas também esforçar-se para mudar estruturas culturais e morais/espirituais que causam pobreza e opressão e, assim, promover uma libertação integral (Amaladoss, 2000, p. 24).

⁷ O uso da palavra “inculturação” se apresenta em alguns contextos muito problemático, utilizo este conceito de Amaladoss (2000) por fazer referência à especificidade dos processos de evangelização na Índia.

Fotografia 8 – Mulheres Advasis dançando ao redor do Deus Karam



A mudança das estruturas culturais e morais aplicam-se também a própria instituição Católica e não correspondem somente às relações produzidas fora deste âmbito. Se para o antropólogo Marshal Sahlins (1990) os sistemas de significação são ordenados de forma histórica através da cultura, podemos notar que a incorporação de práticas rituais próprias das tribos configura uma forma diferente de experienciar o catolicismo vivido pelas populações *Advasis*. Ainda para Sahlins, isso é possível porque as pessoas repensam criativamente os significados e agem para alterá-los na própria ação (Cf. Sahlins, 1990, p. 7). Essas mudanças acontecem numa via de “mão dupla”, ou seja, tanto a Igreja quanto as mulheres contribuem para essa mudança.

REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, Lila. Writing against culture. In: FOX, Richard G. *Recapturing Anthropology: Working in the Present*. Santa Fé: School of American Research Press, 1991.

AMALADOSS, Michael. *Missão e Inculturação*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

ASAD, Talal. A construção da religião como uma categoria antropológica. Tradução de Eduardo Dullo e Bruno Reinhardt. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 19, p. 263-284, 2010.

PIERIS, Aloysius. *An Asian Theology of Liberation*. New York: T & T Clark, 1988.

ROBINSON, Rowena; KUJUR, Joseph Marianus (ed.). *Margins of Faith: Dalit and Tribal Christianity in India*. New Delhi: Sage Publications India, 2010.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

SANCHIS, Pierre. Pra não dizer que não falei de sincretismo. *Comunicações do ISEER*, Rio de Janeiro, ano 13, n. 45, p. 4-11, 1994.

Recebido em: 15/11/2019

Aprovado em: 15/11/2019

RESENHA